

## **"MANCHA DE DENDÊ NÃO SAI": EXPERIMENTAÇÕES ARTÍSTICAS APLICADAS AO DESIGN TÊXTIL A PARTIR DOS COMPONENTES DO DENDEZEIRO**

Pablo Luís dos Santos Portela<sup>1</sup>  
Ana Beatriz Simon Factum<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata-se de um projeto de pesquisa, em nível de doutorado, que está sendo desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes, na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e encontra-se em fase inicial. O dendezinho e o dendê serão as principais matérias primas na composição de experimentos em design e arte, tanto para a extração de pigmentos naturais, o emprego de técnicas artesanais para pintar e tingir tecidos, como na produção de padrões. Esse recorte dialogará, a priori, com as áreas de artes, design, moda, cultura afro-baiana, cultura e história africana, antropologia, química, tecnologia, que visa à criação de um trabalho autoral. Enquanto ingrediente peculiar da culinária baiana o dendê possui cheiro, sabor, cor, textura que advêm do seu azeite ou óleo e, sobretudo, simboliza a essência da cultura local que é reconhecido mundialmente. Em relação à funcionalidade e na demonstração de sua representatividade, o dendê como substrato colorante percorrerá os processos de desconstrução e ressignificação por meio da concepção artística aplicada ao design têxtil. As experimentações tendem em percorrer um longo processo criativo recheado de linguagens visuais entre tingimentos e pinturas em tecidos, mostras individuais, realização de oficinas, performances, procedimentos tradicionais com aplicações de técnicas de estamparia artesanal e digital, acerca da estética afro-referenciada.

**Palavras-chave:** Arte, Cultura Afro-referenciada, Dendê, Design Têxtil, Moda,

---

<sup>1</sup> Doutorando em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia. pabloportella@gmail.com.

<sup>2</sup> Orientadora Prof. Ana Beatriz Simon Factum. Doutora em Arquitetura e Urbanismo - (USP). Pós-doutorado em Desenho, Cultura e Interatividade PPGDCI (UEFS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - (UFBA). biasimon@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

A presença e a força do dendê como substrato tintorial pôde ser verificado numa versão poética no disco LP do cantor Moraes Moreira, em 1984, intitulado “Mancha de dendê não sai”. Nele, é apresentada na faixa seis a canção que contém o mesmo nome da capa, ao qual foi criada em parceria com o escritor Paulo Leminski. O conteúdo dessa letra aborda um comparativo entre ações do cotidiano que são fugazes, inconstantes, com a mancha de dendê que permanece viva, presente e perene. Relaciona-se, também, à identificação funcional de tintas que não desbotam e não saem facilmente das superfícies que receberão as suas devidas aplicações.

A formação do produto colorante líquido, pastoso ou sólido, como é o caso da tinta artesanal, advém de procedimentos extraídos, geralmente, de elementos disponíveis na natureza que são sustentáveis, encontrados em grande escala e não agredem ao meio ambiente. A presença de corantes de origem animal, vegetal e mineral na história da humanidade, tinham como propósito embelezar o convívio social por meio de pinturas na pele, tingimentos em estruturas têxteis que cobriam o corpo, na decoração de ambientes, objetos, armas, ferramentas.

Data-se em 2.600 a.C, na China, o primeiro relato escrito sobre o uso de corantes naturais (ARAÚJO, 2005). Pode-se extrair uma variedade de cores e tonalidades, conforme afirma a jornalista Pezzolo (2007), tais como em “flores, frutos, raízes, caules, folhas, ervas, arbustos, madeiras, líquens, insetos tintoriais, algas, cogumelos, moluscos”. Dentre eles, o reino vegetal apresenta maior possibilidade de obtenção dos pigmentos naturais que advém de raízes, caules, folhas, flores, frutos (Quadro 01).

**Quadro 01 – Corantes naturais de origem vegetal.**

ELEMENTOS NATURAIS VEGETAIS	CORES E TONALIDADES EXTRAÍDAS
Planta <i>Indigofera tinctoria</i> (as folhas).	Azul índigo.
Planta <i>Isatis tinctoria</i> (as folhas).	Tons de azul.
Arruda (as folhas), anileira (as folhas), timbó-mirim (as folhas).	Azul.
Planta Gauda ( <i>Reseda luteola</i> ) (as folhas).	Fonte de amarelos como amarelo canário claro, amarelo limão, amarelo enxofre, amarelo dourado, amarelo açafraão, castanhos claros.
Girassol (a flor), urucum (as sementes).	Laranja.
Nogueira (a casca), coco (as fibras), ruivinha (a raiz), cipó de imbê (o caule).	Tom de rosa ou vermelho.
Pau-brasil (serragem do cerne), rúbia (a raiz).	Vermelho.
Planta Garanço ( <i>Rubia tinctorum</i> ) (a raiz).	Vermelho.
Pau-campeche (serragem do cerne e os espinhos).	Vermelho escuro e roxo.

Espinafre (as folhas).	Verde escuro ao oliva.
Hortelã (as folhas).	Verde claro.
Louro (as folhas), eucalipto (as folhas), erva-mate (as folhas), castanheiro (as folhas), noqueira (as folhas).	Verde musgo.
Sabugueiro (as folhas), malva (a planta inteira), castanheiro (as folhas).	Variação de verdes.
Pinheiro-do-paraná (a casca e o fruto), jenipapo (o fruto).	Roxo.
Troncos, caules e raízes.	Marrom tradicional.
Abacateiro (as folhas), angico (a casca), camomila (as folhas), arnica (raiz, flores e folhas), eucalipto (serragem do cerne), carqueja (as folhas), calêndula (as flores), pessegueiro (a casca), cajueiro (a casca e as folhas).	Marrom avermelhado.
Castanheiro (as folhas), castanha-da-índia (as folhas), cafeeiro (pó da semente seca).	Marrons clássicos e escuros.
Cebola (a casca), pereira (a casca), castanheiro (as folhas), goiabeira (a casca e raiz).	Tons envelhecidos.
Castanha-da-índia (as folhas), picão (a planta inteira), areca (a casca).	Tons de cinza.
Caraposa (a casca), murici-da-mata (a casca), tinteira (os galhos).	Preto.

**Fonte:** Extraído de CHATAIGNIER (2006), PEZZOLO (2007) com adaptação do autor.

O dendezeiro (*Elaeis guineenses*) se insere dentre esses exemplos de elementos naturais do reino vegetal, pertence à família das palmáceas, produz o dendê como fruto e nesta pesquisa serão explorados todos os seus componentes, desde a raiz até as folhas, para realizar as experimentações (Figura 01). Possui característica marcante em se desenvolver em regiões tropicais com clima quente e úmido que resultou boa adaptação ao solo nacional, principalmente no Norte, no Estado do Amazonas, e Nordeste, no Estado da Bahia (CORREA et. al., 2012). Com isso, segundo Moraes e Pachêco (1985), o primeiro indício de dendê na Bahia ocorreu na região do Baixo Sul, em Valença, conhecida atualmente como Costa do Dendê devido a sua expansão.

**Figura 01 – Árvore do dendezeiro situado na Avenida Anita Garibaldi, Salvador-BA.**



**Fonte:** Acervo do autor, 2015.

A presente pesquisa visa responder a seguinte pergunta: - Quais são as possibilidades do dendezeiro e do dendê enquanto substratos em experimentações artísticas a serem aplicadas no design têxtil? A principal motivação pela escolha do dendê aconteceu pela sua importante presença e contribuição social em diferentes segmentos da cultura baiana e a possibilidade de inseri-lo em outras abordagens. Isto mostra que são vastos os estudos combinatórios, compositivos, plásticos, a serem exploradas no processo de investigação e criação. Outro aspecto relevante é poder apresentar o dendê em experimentos artísticos.

Parte do contato inicial do objeto de estudo deste projeto ocorre desde quando o autor tinha doze anos de idade, através de experimentos, trabalhos realizados, tais como: tintura e pintura em tecidos; criação de desenhos, imagens, padrões; uso de técnicas de tingimento e estamparia artesanal. Paralelo a isso, ainda na infância, houve uma relação de encantamento do autor com o dendê a partir da admiração de cores, texturas do azeite presente em vasilhas nos mercados, feiras populares. E por todas as ocasiões em que sua mãe ou algum membro familiar o utilizava nas refeições, e exalava na cozinha seu cheiro marcante. Além disso, existe o sabor que transcende o aspecto visual dos pratos típicos da cultura baiana e potencializa o seu valor simbólico na gastronomia.

Já no âmbito acadêmico, ocorreu especificamente no segundo ano de graduação em Design e Gestão de Moda, da Universidade Salvador (UNIFACS), na disciplina Laboratório de Criação, com a proposta da professora Maria Luedy que consistiu na atividade Observatório de Sinais, realizada na Feira de São Joaquim, em Salvador-BA. Ao chegar à feira, os alunos tiraram fotos de todos os aspectos que consideravam interessante culturalmente e simbolicamente, para depois registrarem sobre papel o esboço de uma peça conceitual de moda. E foi escolhido o azeite de dendê, conforme demonstrado na Figura 02.

**Figura 02 - Azeite de dendê como fonte de inspiração em trabalho acadêmico.**



**Fonte:** Acervo do autor, 2008.

Referências da cultura afro-brasileira e baiana constituem conteúdos de produções criativas, em trabalhos artísticos concretizados pelo autor, sem perder a raiz que as originaram. Ao seguir por esse caminho, no período de 2010 a 2012, realizou o autor o Curso de Pós-Graduação em Design para Estamparia, em nível de Especialização, hoje nomeado Design de Superfície, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), RS. Nesse curso, escolheu o Pelourinho como fonte de pesquisa, e a monografia então produzida intitulou-se: “Elementos da arquitetura do Pelourinho como referencial na criação de estampas para vestidos”. A Figura 03 mostra um dos resultados desse trabalho.

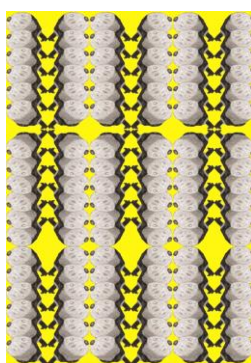
**Figura 03 - Estampa baseada em edifícios da Ladeira do Largo do Pelourinho, Salvador-BA.**



**Fonte:** Acervo do autor, 2011.

O reforço no enfoque cultural com o dendê nos contextos científico e artístico, dentre 2013 e 2015, o autor construiu a pesquisa de dissertação intitulada “Design de superfície têxtil a partir do dendê”, no Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade (PPGDCI), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Um dos resultados visuais desse estudo pode ser visto na Figura 04.

**Figura 04– Projeto de design têxtil a partir do dendê.**



**Fonte:** Acervo do autor, 2014.

No intuito de valorizar e representar o dendê em outra abordagem que não seja para fins culinários, religiosos, cosméticos, de soluções ambientais, literários, como comumente é empregado, esta pesquisa realizará experimentações com o dendezeiro para criação de design têxtil a partir da extração de tintas artesanais. Os substratos colorantes serão utilizados em experimentações artísticas, cujas funções serão: tingir, pintar tecidos, utilizá-los no design têxtil, conseqüentemente na moda, por meio de técnicas tradicionais de estamparia artesanal. As fontes de pesquisa das imagens a serem criadas estarão imersas no universo do dendê que transita pela história, cultura, antropologia, ancestralidade, religiosidade, memória, culinária baiana, simbologia africana. A estética visual que se pretende alcançar estará aliado ao design e a arte contemporâneos, através da proposta de um trabalho autoral.

Como propósito pretende-se investigar e produzir uma linguagem visual discursiva sobre o dendezeiro e seus componentes a partir de experimentações artísticas para a produção de padrões em tecidos. Para isso, visa desenvolver a metodologia baseada na abordagem experimental artística, que dialogará com a ciência no campo do design, através da interação entre procedimentos técnicos e criativos.

Pesquisas científicas que envolvem criação em artes requerem cuidados que precisam ser preservados, pois tratam, também, de conteúdos que lidam com a sensibilidade, percepção e intuição do artista-pesquisador, da produção intelectual de trabalhos que estarão em contato com o público que será o principal receptor e intérprete das mensagens visuais criadas. Com isso, afirma Zamboni (2006, p. 8) “na arte, o sensível, embalado por impulsos intuitivos, vai além do processo de criação artística, pois faz parte do próprio caráter multissignificativo da obra de arte, sempre apresentado ao interlocutor como parte integrante de sua significação”.

O método experimental artístico é embasado em conhecimento prático, em paralelo, geralmente, ao planejamento teórico da pesquisa, que adquire consistência à medida que são realizados os testes empíricos, diagnósticos comparativos, as percepções e observações que são acompanhadas em seu desenvolvimento. Logo, segundo Zamboni (2006, p. 34) “o que ocorre frequentemente dentro de um processo de trabalho criativo é a existência de sequências de momentos criativos (intuitivos), seguidos de ordenações racionais”. Para Arnheim (2002), a visão é o principal instrumento para estabelecer conexões criativas da realidade quanto ao imaginário, à

invenção, à clareza e à beleza, pois a mente caracteriza-se das manifestações advindas entre o pensador e o artista.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa constituem-se em: examinar a árvore do dendezeiro e todos os seus componentes para a realização de experimentos artísticos; pesquisar o contexto histórico-cultural do dendê, bem como as diferentes áreas em que ele é utilizado; investigar as possibilidades plásticas do dendezeiro; realizar oficinas de aprimoramento das técnicas de estamparia artesanal com Carimbos e Batik Africano, no Espaço Susana Uribarri Atelier, em São Paulo; realizar Doutorado Sanduíche na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e promover oficinas, intervenções artísticas; conhecer a coleção de arte africana na UCLA Flowing Museum, em Los Angeles, no intuito de aprender técnicas artísticas, sobretudo para uso têxtil, conhecer o acervo bibliográfico e curiosidades; realizar parceria com a indústria têxtil Vlisco, em Holanda, uma referência de estamparia africana no contexto do design têxtil, para a impressão digital das estampas.

Pretende-se, como coleta de dados, realizar laboratórios entre arte, química e design; experimentos com retirada de corantes para a realização de tingimentos e pinturas, fixações de corantes; composições plásticas com técnicas artesanais de arte e design têxtil; narrativas visuais que expressem as linguagens utilizadas. Essa relação experimental da pesquisa científica com o fazer artístico, explica Zamboni (2006, p. 34), “a criação, na realidade, é um ordenamento, é selecionar, relacionar e integrar elementos que em princípio pareciam impossíveis”. Isso reforça a ideia que a atuação do artista-pesquisador é indissociável, no sentido de explorar de forma equilibrada a criatividade que designa mais fluidez da proposta inventiva e a ciência que requer uma organização mais sistemática.

## **DENDÊ NA CULTURA, NA ARTE E NO DESIGN**

As linguagens visuais produzidas na Bahia traduzem a expressividade de seu povo. Carregada de alegria, luminosidade, sensualidade, efervescência, mistura, que são interpretadas em determinados momentos, pela relação que o baiano tem com sua origem, essência, história, a cultura baiana é movida pelo dendê, em seu aspecto geral e poético.

A compreensão de cultura na contemporaneidade apresenta definições em diferentes óticas, interesses, propósitos, e nesta pesquisa será empregada o conceito de



cultura do pertencimento sugerido pelo jornalista e sociólogo Muniz Sodré, pois se articula com o cenário afro-baiano que inclui o recorte de investigação com o dendê.

No livro “A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil”, Sodré (1983), afirma que a maneira como o homem se relaciona com cultura está diretamente interligada com o real, sendo que este real não deve ser interpretado como fonte determinante da verdade no contexto histórico global e nem apresentar como óbvios os elementos que o identificam. Ao reforçar essa abordagem, o autor utiliza o cravo para exemplificar:

Assim, tentemos determinar o real deste cravo colocado no vaso à nossa frente. O que nos faz reconhecê-lo como flor dessa espécie? A cor, a forma, o perfume são típicos, o que nos leva a excluir outras possibilidades: não é uma rosa, não é um lírio, nem qualquer outra flor. Tudo que podemos dizer de imediato é que se trata de uma flor *diferente* de qualquer outra e *idêntica* aos cravos que aprendemos a reconhecer durante toda nossa vida. Mas na verdade só o reconhecemos como uma espécie particular de flor, na medida em que o identificamos como [...] incomparável, isto é, precisamente não identificável por meio de uma equivalência eventual [...] o fato de tê-lo diante de nós, de reconhecermos a sua existência (a sua instantânea realidade), não implica em *representá-lo* como real. Na medida em que é singular e único, o real do cravo é infenso a qualquer outra coisa além dele mesmo (a uma duplicação). Podemos, assim, afirmar que o cravo existe, que está aqui e agora, que não se trata de qualquer outra flor, mas não podemos dizer o que é um cravo, determinar com absoluta precisão a sua identidade de objeto. E quanto mais quisermos saber sobre a singularidade do cravo, quanto mais real dele pretendemos extrair, mais penetraremos em zonas inseguras e obscuras, misteriosas, que nos apontarão para uma certa inesgotabilidade do real (SODRÉ, 1983, p. 48-49).

Esse exemplo do cravo traduz que a assimilação de cultura com o real está atrelada com a construção feita por cada ser humano, a partir da realidade em que vive, composta por elementos tangíveis, capazes de gerar diferentes e inúmeras possibilidades. Por conta disso, a realidade é caracterizada pelas experiências, percepções individuais que se tornam únicas ao convívio em sociedade. O que torna assim o sentido do real na cultura, que é aliado ao pertencimento de valores que são adquiridos em diversos contextos e captados numa apropriação particular que dialoga com o entorno, bem como na construção do repertório na forma de enxergar e interpretar o mundo.

A relação simbólica pertencente ao dendê e o seu sabor na culinária, é a perpetuação entre África e Brasil (LODY, 2009). É conhecido popularmente através da fama de seu azeite muito utilizado na culinária afro-brasileira, tanto em pratos típicos, como o caruru, quanto em quitutes feitos pelas baianas de acarajé. Característico pelo



sabor, cheiro especial e exótico, o azeite de dendê também é apreciado antes do cozimento no recipiente de vidro ou plástico, devido a sua coloração harmoniosa em tons de amarelo, laranja, vermelho, bordô, preto.

No Candomblé, religião de matriz africana, o azeite de dendê está presente como ingrediente essencial nas comidas ofertadas à maioria dos orixás, exceto Yemanjá Sabá e Oxalá, como afirma em conversa com Vanilde Maria Ataíde Bispo Portela (2014), a Yalorixá do Terreiro Ilê Axé Omim Natosse, situado no bairro Cidade Nova, em Salvador-BA. Lody (1992) assevera que o dendê recebe diferentes interpretações a depender de como será utilizado na religião e acrescenta que outros elementos da árvore do dendezeiro, considerada como sagrada, são utilizados na confecção de indumentárias, ferramentas e emblemas dos orixás, na arquitetura e decoração das Casas de Santo.

No cenário da arte contemporânea na Bahia, dentre a gama de artistas atuantes, exemplifica-se a produção visual do artista plástico, curador, professor universitário, Ayrson Heráclito. Identifica-se em seus trabalhos a relevância, o impacto social nos conteúdos simbólicos de cunho alimentício que faz parte da culinária africana e baiana, como grãos, acarajé, azeite de dendê (Figura 05).

**Figura 05 - Trabalhos de Ayrson Heráclito.**



**Fonte:** BLOGSPOT AYRSON HERÁCLITO. Disponível em: <<http://ayrsonheraclito.blogspot.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2016.

Conforme o filósofo Pareyson (1984), a arte enquanto expressão concentra-se numa atividade inventiva formada a partir do manuseio, do fazer, do contato com a prática, das vivências e experiências do processo criativo. Ao tratar do entrosamento entre arte e ciência, por exemplo, nota-se que reforçam os ideais na construção e reflexão de uma atividade ou obra artística por abordar a pesquisa com uma ação paralela ao fazer manual. O conceito de arte, segundo Tolstoy (1898 apud OSBORNE, 1970) relaciona com o modo de expressão que o homem interage “por meio de sinais externos, transfere a outros sentimentos que ele experimentou, de modo que outras pessoas são contagiadas por estes sentimentos e também os experimentam”. Logo,

compreende-se que a intenção provocada pelo artista é transmitida ao observador que tende em se expressar de acordo com a interpretação e sensações obtidas.

A concepção da arte de embelezar tecidos, como assevera a jornalista Pezzolo (2007), advém da pintura corporal com pigmentos minerais que exprime uma necessidade de comunicação humana em informar ideias por meio de desenhos, símbolos, imagens, como forma de adorno pessoal que realçava a beleza e distinção de classes sociais. Em seguida, a pintura ocorreu em couro e depois em tecidos. Com isso, verificam-se no âmbito artístico que as funções da pintura e do design em um têxtil se aproximam desde a gênese de ambos, cuja relação transita pelos aspectos culturais, formais, que são expressos em diferentes propostas, métodos, processos criativos, linguagens visuais.

Nesse sentido, exemplifica-se a atividade artesanal presente no âmbito artístico e têxtil que é característica, marcante e difusora cultural em países da África do Oeste, como Gana, Costa do Marfim e Tongo, através do grupo cultural akan, que utiliza um sistema simbólico de comunicação visual específico. Esses símbolos transmitem ideias, experiências, preservam valores, fazem parte da vida social akan e o seu conjunto chama-se *adinkra* (Figura 06), que constitui um tipo de sistema pictográfico bastante encontrado em tecidos, cerâmicas, objetos de bronze, arquiteturas, (CASA DAS ÁFRICAS, 2015).

Figura 06 – Adinkras.



**Fonte:** CASA DAS ÁFRICAS. Disponível em: < <http://www.casadasafricas.org.br/adinkras/> >.  
Acesso em: 05 jan. 2017.

O uso do *adinkra* para a produção de estampa em superfície têxtil se dá com a replicação do padrão, por meio de desenhos esculpidos em carimbos feitos de cabaça, que são impressos manualmente em tecidos de algodão, com corante natural vegetal. Geralmente, utiliza-se a cor preta sobre o fundo branco ou colorido (Figura 07). Os registros desse sistema simbólico possuem valor cognitivo, artístico, cultural, comercial (AFREKA, 2016).

**Figura 07 – Carimbos de cabaça, impressão artesanal de carimbos, tecidos Adinkra, respectivamente.**



**Fonte:** AFREKA. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/adinkra-um-dicionario-de-valores-na-arte-dos-carimbos/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

Dessa forma, o contexto do design de superfície é compreendido com a designer de superfície Rubim (2005, p. 35), que define “ser representado pelas mais diversas formas, desde que aceitemos que qualquer superfície pode receber um projeto”. Ao apresentar outro conceito, a designer industrial Freitas (2011, p. 16) afirma que “é um design de interfaces, existe na pele do produto (seja este da natureza que for)”. Complementa-se essa analogia pela artista plástica Ruthschilling que informa:

Design de Superfície é uma atividade criativa e técnica que se ocupa com a criação e desenvolvimento de qualidades estéticas, funcionais e estruturais, projetadas especificamente para constituição e/ou tratamentos de superfícies, adequadas ao contexto sócio-cultural e às diferentes necessidades e processos produtivos. (RUTHSCHILLING, 2008, p. 23).

Logo, ao aliar criatividade à técnica, o design de superfície têxtil tem por função cobrir, revestir, ornamentar tecidos e superfícies que são capazes de serem ressignificadas, modificadas, reinterpretadas de modo reflexivo. Essa configuração se dá a partir da própria constituição física do objeto que compartilha, agrega outros elementos de cunho artístico, geram novas linguagens visuais, funcionais, como será o caso do dendê neste estudo.

## **DENDÊ É MODA?**

A moda é um valioso recurso de comunicação que expressa diferentes interpretações de estilistas e designers sobre a contextualização mundial. As temáticas apresentadas em coleções brasileiras recebem destaque e respeito a cada dia pelo valor simbólico e fio condutor nos conteúdos identificados nas roupas. A valorização de referências nacionais em passarelas é item relevante que intensifica o caráter de pertencimento e dialoga com diversos públicos, cenários e linguagens visuais.

Observa-se no cenário de moda baiano a forte presença de produtos lisos e estampados que fazem relação ao vestuário, aos acessórios africanos, em marcas que apresentam reinterpretações com criações exclusivas e características visuais da cultura baiana de forma particular. Esse registro intensifica-se como uma força necessária de valorização, pertencimento da identidade que foi esquecido, perdeu espaço e consistência durante o processo histórico de colonização. Dessa forma, afirma Gonçalves:

Vivemos um conflito na relação entre a cultura dominante e as culturas subordinadas. Como um discurso visual, a moda afro-baiana surge como uma forma de expressão, de protesto e de resgate de identidades perdidas devido à imposição da cultura dominante. Ela se mostra através de uma moda criada e adotada para representar a África. Essa moda tem a liberdade de acompanhar ou rejeitar a moda definida pela cultura dominante e com um discurso visual através da indumentária e dos adornos africanos ela faz escolhas distintas (GONÇALVES, 2008, p. 60).

Conforme a autora Gonçalves (2008), essa autoafirmação cultural se estabelece não apenas na moda. Também pode ser compreendida, por exemplo, em indumentária de blocos afros no carnaval, que a cada ano reforça a estética africana a partir de temáticas que são merecedoras de destaque devido ao embasamento de conteúdos e impactos causados em sociedade. Além disso, tem o caráter artístico presente na efemeridade do sistema da moda. Explica Lipovetsky (1989), a moda é comandada pelos cenários das sociedades que tem sedução e efemeridade como os principais agentes da vida coletiva na modernidade. A moda não pode ser interpretada apenas como um instrumento de comunicação funcional, mas também de cunho artístico (CIDREIRA, 2005). Essa analogia se alarga na diversidade de elementos do vestuário que são vendidos no mercado local.

Produtos estampados confeccionados por profissionais no contexto de moda, sobretudo na Bahia, que mostram e ressignificam simbologias africanas, são classificados em categorias conhecidas como “afro” ou étnico. Essa identificação mercadológica adquire, aos poucos, visibilidade, seriedade, respeito, relevância social, além de ser um item de diferenciação e competitividade. Contudo, percebe-se que essa conscientização em utilizar referências da África como fontes de pesquisa em produtos de moda ainda é camuflada e negada.

O sentido que o dendê simboliza ao contexto da moda está atrelado com a concepção do jeito de ser baiano que configura não somente ao material têxtil que cobre a superfície do corpo, mas, também, na ação formativa em criar que transita

cotidianamente em diversos espaços do Estado da Bahia e caracteriza os modos de construção da identidade afro-baiana. Esse enlace acerca da cultura pode ser entendido como formatividade, que é a capacidade de inventar o modo de formar, fazendo, produzindo. (PAREYSON, 1993). Nesse sentido, afirma Cidreira (2013, p. 25) “a cultura é o sistema significante através do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada”. Logo, a cultura é o principal elo que permite agregar diferentes comportamentos, estilos sociais, modos de viver.

## CONCLUSÕES

Refletir sobre arte, cultura e design no âmbito da moda, significa ampliar o leque de possibilidades a ser explorado no universo do dendê, o objeto de estudo desta pesquisa, ao ponto de extrair em cada um o repertório que o simbolize na cultura afro-brasileira como possível elemento da moda contemporânea.

A contribuição desta investigação para a arte e o design de moda destaca a concepção de uma obra artística em ser peça única e exclusiva; a relação do tecido com a estampa nele impressa que visa a sua durabilidade em superfície têxtil existente que se degrada com o passar do tempo; a compreensão da moda enquanto registro, memória visual, ferramenta de reflexão, interação e mudança que circula em diferentes espaços sociais que vão além da vestimenta; a produção em série que caracteriza o sistema industrial do design e, além disso, no cenário moderno, gera a ampliada participação do design enquanto processo de construção projetual que resulta também em produtos únicos e exclusivos.

Para o contexto da cultura afro-referenciada abrangerá o conceito de pertencimento, a ser valorizada através da junção entre moda e arte, que discorre uma compreensão interpretativa sobre vivências e experiências presentes no cotidiano da população negra, sobretudo em relação aos seus modos particulares de se vestir, embelezar-se, que muito é abordado na sociedade e, de certo modo, de forma pejorativa, discriminatória.

E para a área acadêmica traz reflexões sobre o hibridismo entre o campo artístico e o design; a interatividade do dendê que transita e pode transitar em demais áreas do saber sem perder a sua simbologia cultural baiana; a análise interdisciplinar dos experimentos a partir do dendezeiro que agregarão valor nas linguagens visuais, ao conceito da proposta e dos resultados finais que serão obtidos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFREKA. **Adinkra**: um dicionário de valores na arte dos carimbos. Gana: 2016. Disponível em: <<http://www.afreka.com.br/notas/adinkra-um-dicionario-de-valores-na-arte-dos-carimbos/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

ARAÚJO, Maria Eduarda Machado de. **Corantes naturais para têxteis**: da Antiguidade aos tempos modernos. 2005. Disponível em: <<http://www.dqb.fc.ul.pt/docentes/earaujo/Corantes>>. Acesso em 29 nov. 2016.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. Tradução de Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2002.

CASA DAS ÁFRICAS. **Adinkras**. África: 2015. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/adinkras/>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio**: tecidos, moda e linguagem. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os sentidos da moda**: vestuário, comunicação e cultura. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2005.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **As formas da moda**: comportamento, estilo e artisticidade. São Paulo: Annablume, 2013.

CORREA, Denison Lima [et. al.]. Avaliação da produtividade do dendê (*Elaeis guineensis*) através de técnicas de sensoriamento remoto e geoprocessamento no município de Concórdia do Pará. In: SEMINÁRIO ANUAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRA, 10., 2012, Belém. **Anais...** Belém: 2012. p. 1-4.

FREITAS, Renata Oliveira Teixeira de. **Design de superfície**: ações comunicacionais táteis nos processos de criação. São Paulo: Blucher, 2011.

GONÇALVES, Veruska Barreiros. **Moda afro-baiana**: comunicação e identidade através da estética afro. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

HERÁCLITO, Ayrson. **Blogspot Ayrson Heráclito**. Salvador: [s.n], 2006. Disponível em: <<http://ayrsonheraclito.blogspot.com.br>> Acesso em: 10 nov. 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LODY, Raul. **Tem dendê, tem axé**: etnografia do dendezeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LODY, Raul (org.). **Dendê**: símbolo e sabor da Bahia. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.



MORAES, Moreira. **Mancha de dendê não sai**. Disco LP. Composição com Paulo Leminski. 1984.

MORAES, J. G. L.; PACHÊCO, R. G. **Cultura do dendezeiro**. Valença: [Departamento de Educação da CEPLAC], 1985.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. Tradução Maria Helena Nery Garcez. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

PAREYSON, Luigi. **Estética**: teoria da formatividade. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**: histórias, tramas, tipos e usos. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

PORTELA, V. A. B. **Yalorixá Dide**. Terreiro Ilê Axé Omim Natosse. Salvador: Bahia, 2014.

RUBIM, Renata. **Desenhando a superfície**. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2005.

RUTHSCHILLING, Evelise Anicet. **Design de superfície**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: CODECRI, 1983.

TOLSTOY. In: OSBORNE, Harold. **A apreciação da arte**. Tradução Agenor Soares dos Santos. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte**: um paralelo entre arte e ciência. 3. ed. rev. São Paulo: Autores Associados, 2006.